



ENSINO *ON LINE* : VETOR DA RECONFIGURAÇÃO DE MERCADOS PERIFÉRICOS¹

Wagner Braga Batista Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Eletrônico: wbraga@uol.com.br

RESUMO

Novas tecnologias da informação, saudadas como promotoras da universalização do conhecimento (1), articulam a esfera da comunicação social e do ensino. Em nome da democratização promovem novas formas de exclusão e de concentração dos meios de comunicação. Viabilizam a privatização do ensino, condensam o mercado educacional e o uso intensivo da técnica, sob controle privado, no campo da educação. O artigo examina o uso dos meios de comunicação na oferta educacional, o papel do ensino *on line* na reconfiguração de sistemas educacionais periféricos. (2) Signo de modernização, o ensino *on line* é instrumentalizado por programas de governo. Reduzidos a concepções tecnicistas (otimização de desempenho por meio de implementos técnicos) e produtivistas (aumento da cobertura educacional pela redução de custos) (3) aviltam a educação. Subordinam a avaliação educacional e decisões pedagógicas aos parâmetros da economia de mercado.

Palavras chaves: educação a distância, concentração midiática, modernização regressiva

INTRODUÇÃO

A educação distância é atividade milenar. Sua destinação comercial tem início no século XVIII. (4) A restauração liberal, no último quartel do século XX, aprofunda a privatização do ensino e o uso comercial da educação a distância. Neste processo, consórcios transnacionais disputam mercados periféricos. Recorrem a diversos estratégias para consolidar sua presença em continentes e países do hemisfério sul. São beneficiados por agências financeiras multilaterais que financiam a modernização tecnológica como resposta a carências educacionais.

O Banco Interamericano de Desenvolvimento- BID e o Banco Mundial- BIRD direta e indiretamente fomentaram investimentos privados em educação. Por meio de programas focalizados direcionam investimentos governamentais para a educação compensatória. Educação voltada à atenuar conflitos, à minimizar os efeitos da exclusão social e à assegurar a governabilidade em condições adversas. Através da *Internacional Finance Corporation- IFC*, o BIRD intensificou o financiamento de empresas privadas na área da saúde e da educação.

Defendendo a prioridade do ensino fundamental, políticas liberais promovem o remanejamento de recursos públicos e reservam os níveis avançados para investidores privados. A modernização conservadora reclama reformas educacionais. Sob os auspícios de agências multilaterais são empreendidas por governos liberais. Seus traços são semelhantes em 22 países periféricos (5)

1 Trabalho apresentado no NP10 – Núcleo de Pesquisa Economia Política e Políticas Públicas de Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



A viabilidade das propostas liberais está associada a pré-requisitos. Entre outros, ideológicos (disseminação do ensino a distância expressão de modernidade, de autonomia, de empreendedorismo, de educação continuada, de atualização permanente e de empregabilidade) , políticos (exigência de dispositivos que forneçam sustentação, legitimidade e visibilidade ao ensino a distância) e econômicos (recursos públicos e privados para a implementação de programas).

Estas considerações iniciais soam como advertências. O ensino a distância é imprescindível para a expansão da rede pública. A educação pública contemporânea não pode abstrair as novas tecnologias. A conformação de implementos técnico-pedagógicos a projetos educacionais revolucionários é um desafio. Os educadores comprometidos com a educação pública não devem se furtar a enfrentá-lo. O discurso apologético, que celebra as potencialidades técnicas e não examina suas injunções socioeconômicas, bem como a postura cética, que aponta inexoráveis desempenhos do ensino a distância, inibem a intervenção crítica. São igualmente paralisantes e não contribuem para a formulação de políticas de ensino público a distância.

As políticas educacionais não são monolíticas, homogêneas ou irreversíveis. Combinam diferentes interesses sociais. São espaços de conflito social. Passíveis de rearranjos e de transformações. Contudo, a mudança de padrões educacionais não é fruto do empirismo. Demanda teorias e práticas pedagógicas consistentes. As alternativas para a educação pública exigem escrupuloso exame crítico e práticas educacionais convincentes. A execução do ensino a distância inabilita educadores e beneficia forças de mercado que apostam na sua comercialização.

O CARÁTER REGRESSIVO DO ENSINO A DISTÂNCIA

Apropriado pela ideologia liberal o ensino a distância sofre digressões. Objetivos educacionais são subordinados à lógica mercantil. O recurso às novas tecnologias canaliza o ensejo de modernização do ensino.

A restauração liberal, ao mesmo tempo em que coloca em questão a centralidade do trabalho, confere relevância às tecnologias, ao conhecimento e a educação. Sugere que as tecnologias e a educação constituem as principais alternativas para a eliminação de desigualdades sociais. Sob a influência liberal e sob os auspícios de agências financeiras multilaterais, a educação ganha destaque em programas de governo. Políticas educacionais integram-se à agenda liberal como forças impulsionadoras do desenvolvimento social. As políticas de governo exacerbam resultados educacionais. Estratégias publicitárias são acionadas com este propósito. Destacam a eficácia gerencial, a descentralização administrativa, a redução de custos, o aumento da cobertura educacional, a modernização do ensino, entre outros aspectos. Nesta inflexão, o ensino a distância aprimora o sistema educacional.

Alimentando expectativas sedimentadas no senso comum o governo capitalizou a educação. Por seu intermédio disseminou a idéia da revolução silenciosa. Face à crise econômica e à erosão do sistema educacional, o ensino a distância é utilizado em caráter instrumental. Está equacionado com políticas econômicas restritivas



que impõem a redução de gastos sociais e a privatização de serviços públicos. Ao invés de modernizar o ensino está sendo acionado para mascarar suas deficiências crônicas. O seu escopo é reduzir investimentos, produzir indicadores numéricos e falsear padrões educacionais.

O uso instrumental da educação a distância tem efeitos controversos: o empobrecimento do ensino fundamental e a privatização do ensino superior. O alardeado aumento da cobertura educacional encobre a deterioração de padrões de ensino e a crescente exclusão social. No primeiro caso prevalecem critérios técnicos sobre pedagógicos, no segundo, a lógica de custos e de benefícios econômicos .

Através de estratégias publicitárias, o Governo Fernando Henrique alardeou resultados quantitativos sem correspondência com a qualidade do ensino. A publicidade entra em contradição com a realidade social: com a vexatória qualidade da educação no Brasil. Após sucessivas avaliações de organismos internacionais, Paulo Renato de Souza, Ministro da Educação vê-se em situação constrangedora. Admite o baixo desempenho relacionando-o à indisfarçável exclusão social. (6)

Em escala mundial, consórcios transnacionais disseminam a crença na educação de alcance universal. Realizada de forma assíncrona, permanente, difundida de qualquer lugar, sem estabelecer distinções, sugere o acesso indiscriminado. Estes pressupostos levam a crer que o ensino a distância seja sinônimo de democratização educacional. Ensejando a ampliação de vagas e a oportunidade de escolhas, a privatização do ensino transforma o mercado em patamar da democratização educacional. Nesta inflexão, o direito à educação será mediado pelo poder de compra.

Neste contexto a educação a distância liga-se umbilicalmente ao comércio eletrônico. As senhas de acesso cobradas por provedoras de ensino equivalem aos carnês do ensino pago convencional. Intransponíveis sistemas de codificação desmontam a tese de que a Internet seja universo sem fronteiras. A velha lógica da acumulação de capital dá forma às redes de conhecimento e de educação. Converte a informação eletrônica em mercadoria. Infunde valor na troca de informações.

Este processo não é aleatório. As transformações da base técnica correspondem a significativas mudanças nas estruturas socioeconômicas. A dinâmica cumulativa do capital também aplica-se aos meios de comunicação eletrônica. Neste quadro acelera-se a acumulação de capital e a concentração das redes de comunicação.

NOVAS TECNOLOGIAS E CONCENTRAÇÃO MUDIÁTICA

As novas tecnologias agregam valor de troca à informação, ao conhecimento e à educação. Intensificam fluxos de comercialização no campo da comunicação e do ensino. Aceleram a circulação de capital. Aumentam o ritmo de concentração econômica. Propiciam a condensação do mercado educacional beneficiando corporações transnacionais com maiores acúmulos técnicos e financeiros. (7)

Provedoras de tecnologias da informação disputam mercados periféricos. Somam aos seus elevados lucros a capacidade de ditar padrões tecnológicos e aprofundar formas seculares de dependência. A introdução do padrão digital movimentará recursos da



ordem de US \$ 100 bilhões. (8) Deste modo reforçam estruturas oligopolistas e exercem controle sobre nichos de atividades sociais.

Em todas esferas da economia observa-se a fusão de empresas. No setor de serviços a disputa por mercados periféricos aumenta a voracidade de concorrentes. Setores complementares se consorciam criando o espectro da indústria cultural ampliada. O capital financeiro funde-se com empresas de comunicação, de entretenimento, de publicidade, de educação aumentando o poderio da indústria cultural contemporânea.

As fusões envolvem empresas de entretenimento, de publicidade, provedoras de tecnologia e de comunicação social. Em sintonia com o processo de concentração da economia de mercado, ao final de 1999, a *American On Line- AOL*, maior portal da Internet funde-se com a *Time-Warner*, destacada empresa midiática. A atual fusão é desdobramento da junção das empresas *Time* e *Warner*, em 1989. À época essa operação envolveu recursos inferiores a US 8 bilhões. A *Time Inc.* tinha valor estimado em US \$ 4,2 bilhões e a *Warner Communications*, em US \$ 3,4 bilhões. A fusão atual envolve US \$ 165 bilhões.(9)

As novas tecnologias da informação e os serviços em linha geram modalidades de investimentos que se apóiam em avaliações e prognósticos de rentabilidade bastante nebulosos. Sem alterar consagradas leis da acumulação de capital, a nova economia exacerba o caráter especulativo dos investimentos financeiros. As empresas fundamentadas nas novas tecnologias são artificialmente valorizadas. (10) Graças a este expediente intensificam as operações especulativas. Aplicam-se a empresas e aos serviços por elas prestados. Estratégias de *marketing* tornam-se indispensáveis à esta dinâmica. Por meio delas, a educação reveste-se de elevado valor simbólico. O ensino a distância e provedoras de *e-learning* são supervalorizados, adquirindo alto valor de mercado. A disputa do mercado educacional aciona o processo de fusões coroado com a formação de consórcios de ensino a distância. Amplia-se a base territorial, a diversificação das esferas de atuação e a economia de escala de corporações transnacionais. A capacidade de intervenção estratégica dessas corporações aumenta extraordinariamente. Essa tendência assinalada na transição do século XIX adquire novas características na atualidade.

A abertura dos mercados periféricos propicia condições sem precedentes para a intervenção econômica das corporações transnacionais. A expansão da economia de mercado e a internacionalização dos mercados periféricos, sob o arcabouço ideológico da globalização, viabiliza novas formas de hegemonia e de dominação política, econômica, cultural e educacional. Com o concurso das tecnologias da informação e das redes de comunicação verifica-se o enlace de estratégias econômicas e educacionais. A educação a distância converte-se no domínio no qual estas estratégias intensificam-se promovendo a comercialização do ensino em escala mundial. Consórcios transnacionais expandem seu domínio sobre mercados educacionais periféricos. Valem-se do poderio econômico, da influência política e de acúmulos técnicos para intervir em políticas e programas educacionais em escala mundial.

A perspectiva de fortalecer a educação escolar não deve obscurecer a percepção destes processos. Novas práticas educacionais são exercitadas pela indústria cultural. De forma subliminar penetram no âmbito doméstico. Provocam a erosão de instituições educacionais consolidadas. Sugerem a falência da escola. Não mais por ímpeto



libertário, tal como nos anos 60. (11) Seu escopo é desregular a educação tornando-a domínio cada vez mais permeável às forças do mercado.

Dotados de elevado valor simbólico, a educação e o conhecimento viabilizam-se como capital humano. Esta estratégia de dissuasão introduz o ensino a distância no mercado de bens simbólicos.

Ainda que comportem dimensões universais, as respostas educacionais têm enraizamento em sociedades singulares. São expressões tangíveis da dinâmica social. Por meio de inúmeros artifícios a ideologia da globalização tenta erodir a História e identidades nacionais. Procura reduzir todos os processos sociais à dinâmica da expansão da economia de mercado. Sob este viés investe contra processos culturais e educacionais singulares. (12)

A renúncia a projeto de desenvolvimento social repercute no sistema educacional. Compromete os fundamentos e o sentido da educação. A inserção subordinada na economia global acarretou a erosão do sistema nacional de educação. Nesta via a educação brasileira tem papel subsidiário.

As políticas educacionais, ainda que não se reduzam à performance econômica, não podem prescindir de seu exame. Nesta linha de argumentação analisamos políticas econômicas de governo. Assinalamos o caráter dependente e a vulnerabilidade financeira da economia brasileira. Enfatizamos que o comprometimento externo acarreta a perda da capacidade de decisões estratégicas. Implica na renúncia à perspectiva de desenvolvimento social autônomo. Define o caráter subsidiário da educação nacional.

A desestruturação da economia tem sérias conseqüências sobre o sistema educacional. As políticas de estabilização econômica e de ajuste fiscal, servem-se de cortes em gastos públicos, para amortizar a dívida externa. A educação pública será afetada por restrições nos investimentos sociais. As reformas em andamento obscurecem a erosão do sistema nacional de educação. A propaganda governamental, realizada sob o epíteto da revolução silenciosa, o caráter regressivo das mudanças e mascara o falseamento de padrões educacionais.

A REVOLUÇÃO SILENCIOSA

A modernização tecnológica e a primazia da educação dão a tônica do novo discurso conservador. No Brasil, a aliança liberal-conservadora que ascende ao Governo em 1994 adotará este discurso. Forças conservadoras apelam à revolução silenciosa para promover o consenso passivo. A defesa da educação torna-se um dos elementos centrais de sua plataforma política. A vertente oligárquica disputa a chancela da educação. (13)

Sob o rótulo da revolução silenciosa, políticas liberais sugerem que as novas tecnologias e a educação tenham se convertido em motores de transformações sociais. Na prática contribuirão para promover a integração à nova ordem mundial unipolar. (14)

O epíteto revolucionário esconde o caráter conservador das reformas sociais. Sintonizadas com a dinâmica de expansão da economia mundial visam a



integração subordinada à nova ordem mundial. Os necessários equilíbrios orçamentários e a estabilização econômica não pressupõem maiores investimentos sociais. Obtidos por intermédio da supressão de direitos implicam em drásticas consequências sociais. Neste contexto, programas educacionais exercem função compensatória. Conferindo prioridade para o ensino fundamental objetivam atenuar efeitos da exclusão social. Seus desdobramentos privatizantes acarretam o desmonte do sistema nacional de educação, com sérios reflexos no ensino público superior.

A ação do governo no campo educacional, anunciada como revolução silenciosa, realiza a modernização conservadora, mantendo estáveis os níveis de exclusão social.

A escalada liberal se beneficia do colapso do socialismo europeu e da crise da dívida externa. O constrangimento financeiro aplicado a países afetados pela crise da dívida externa, compromete a ação de Estados nacionais periféricos. Dependentes de avais e de linhas de crédito de agências multilaterais curvam-se frente suas orientações..

Em nome da racionalidade administrativa, da otimização de recursos e da qualidade de serviços públicos a restauração liberal empreendeu a acelerada transferência de patrimônio social para a iniciativa privada. No Brasil, este processo resultou na drenagem de recursos orçamentários da União, dos Estados e Municípios para contemplar credores externos. A inversão de prioridades políticas implicou no financiamento de operações especulativas em detrimento de investimentos na produção industrial. Como em outros países sujeitos à influência ultraliberal houve perda da capacidade de decisões estratégicas e desindustrialização.

A ideologia da globalização fomenta a abertura de economias periféricas, a integração ao livre mercado, a competitividade externa, sinalizando o trânsito harmonioso para patamares sociais mais avançados. Nesse contexto vulgariza-se a expressão revolução de veludo. Para analistas identificados com estas mudanças, outras revoluções estariam em curso. Estavam sendo desencadeadas pelas novas tecnologias e por seu impacto na educação. Sob este prisma, a educação seria o motor da revolução silenciosa. Revolução irreversível que premia a busca de autonomia individual e a competitividade. Nessa inflexão, o mercado tornara-se o domínio no qual relações de intercâmbio adquirem vigor.

A via da modernização tecnológica com desdobramentos sobre a nova sociedade do conhecimento apresenta-se como irreversível. O determinismo tecnológico enseja a melhoria de padrões de vida em escala global. A educação é a pedra de toque desta nova versão do determinismo tecnológico. Consistentes objeções ao determinismo são encontradas na obra de Gramsci(15) e de Leandro Konder.(16)

Transformado em carro chefe de estratégia publicitária de governo, o ensino fundamental mobiliza recursos orçamentários sem que atenda ao interesse público. O falseamento de objetivos educacionais permite que o governo celebre indicadores sem consonância com a melhoria de padrões de ensino. Esta ação incidental obscurece o fracasso das políticas socioeconômicas.



Políticas educacionais são sistematicamente apresentadas como promotoras de mudanças, sociais. Seus resultados são capitalizados e se convertem em fonte de consenso passivo. Reproduzem-se no senso comum como expressão de significativos avanços sociais. A educação torna-se a chave da redução da pobreza. Sob diferentes enfoques, ganha primazia em políticas sociais destinadas à reverter disparidades. Sob este viés desempenha papel importante nas transformações sociais. Porém seu alcance é limitado. Ainda que esteja presente em todos os processos de transformação social, por si só, não é responsável por nenhum deles.

O apelo à revolução silenciosa ou tecnológica torna-se a tônica do discurso conservador. No Governo Fernando Henrique esse discurso é marcante. Contudo, a progressão educacional é bloqueada por políticas privatizantes do atual governo.

A educação instrumental é acionada para obscurecer conseqüências da concentração econômica. Incapaz de reverter condições de vida adversas, transferem para o futuro próximo a solução de problemas sociais. Escolas precárias com educação deficiente incluem-se num cenário social que não oferece alternativas de subsistência consistentes.

A educação a distância insere-se na estratégia de falseamento de padrões educacionais, de precarização do ensino e de privatização do ensino superior no Brasil.

Evidências empíricas acusam disparidades entre estatísticas governamentais e a real situação do ensino no Brasil. Expõem a controversa política educacional do governo confrontando anúncios publicitários e a realidade social. Revelam o descompasso entre números citados e a qualidade da educação sinalizada como êmulo da revolução silenciosa.

Os resultados expressos numericamente são explorados publicitariamente no plano interno e servem para obtenção de avais externos que viabilizam o financiamento de programas focalizados na área educacional. Até o ano 2000, os financiamentos oriundos do BIRD e do BID, no setor público, concentravam-se no ensino fundamental. Em menor escala, recursos são canalizados para o ensino médio, bem como para instituições públicas de ensino superior.

Analistas financeiros assinalam que o mercado de ensino superior rende R \$ 7 bilhões anuais. (17) Conforme assinalamos anteriormente, através da *International Finance Corporation- IFC*, são abertas linhas de crédito voltadas a estimular a iniciativa privada no setor educacional e de saúde. A América Latina, laboratório de operações financeiras na área de educação, concentra US\$ 8,474 bilhões, 59,4% dos investimentos da IFC. A esses financiamentos se adicionam 38,8% de US \$ 21,851 bilhões de recursos de terceiros atraídos pela agência. A Universidade do Sul de Santa Catarina- UNISUL e a Universidade do Vale do Itajaí, maior rede privada de Santa Catarina, são as primeiras instituições de ensino a se candidatarem à obtenção de empréstimos. As elevadas taxas de juros e os empréstimos efetuados em dólar tornam pouco atrativo o financiamento para a empresários do setor educacional. (18) O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social- BNDES, em convênio com o MEC, também abriu linhas de financiamento para a expansão da rede privada.



A crise do ensino público superior e as indicações dos baixos padrões de qualidade da rede privada provocam mudanças nas diretrizes do BIRD. Em avaliação realizada no ano 2000, revela-se a percepção dos baixos investimentos financeiros e da reduzida participação do ensino superior no sistema educacional de países periféricos comprometendo seu desenvolvimento. (19) Neste cenário de barateamento da educação pública e de franca privatização do ensino superior desenvolve-se a mitologia da revolução silenciosa.

O caráter messiânico da educação foi invocado para remover desigualdades sociais. (20) De forma análoga à Era Vargas, o discurso governamental transforma a educação em plataforma salvacionista. Articulistas do Governo atribuem à educação papel central nas políticas distributivas voltadas à obtenção do emprego e à melhoria da renda. Esta tônica perpassa o discurso de Paulo Renato de Souza, Ministro da Educação, e de Fernando Henrique Cardoso.(21)

O arcabouço do livre mercado fornece os contornos da valorização do conhecimento e da educação. Instrui a lógica do capital humano, do gerenciamento eficaz de recursos financeiros e da utilização de novas tecnologias da informação no campo educacional. A modernização tecnológica e o gerenciamento eficaz suprimem a dimensão política das questões educacionais. Aspectos técnicos são invocados para diluir questionamentos políticos. As tecnologias da informação ganham precedência como promotoras de mudanças educacionais.

Esta ótica incorpora velhas idéias. Revitaliza-se a idéia da onda modernizadora desencadeada pelas tecnologias da informação capazes de causar grande impacto na educação (Toffler, 1996). (22)

A revolução tecnológica é acionada para remover contradições da sociedade capitalista. Ressurge o conceito de pós-capitalismo. Remete-nos a uma nova sociedade do conhecimento na qual o gerenciamento eficaz, as novas tecnologias e a produtividade do trabalho instauram padrões mais harmoniosos de convivência social. (Drucker, 1976). (23) Observamos que formulações dos anos 70 ressurgem com grande vitalidade.

A revolução silenciosa, epíteto de programa de governo, ecoará em estratégias publicitárias. Estabelecerá sintonia entre políticas de governo e objetivos educacionais. (24) Fará continua alusão alusões a êxitos no ensino básico. Enfatizará a ampliação de vagas no ensino superior. (25) Examinados amiúde estes diagnósticos serão fartamente questionados.

Na prática, a modernização tecnológica no campo educacional assemelha-se à modernização conservadora no campo social. Reformas com aparência progressista ocultam o caráter restritivo e regressivo das mudanças em curso.

A tecnologia, o conhecimento e a educação foram incorporados pela agenda liberal. A restauração liberal acena com promessas de mudanças ensejadas pelos benefícios tecnológicos. A restauração liberal, ao mesmo tempo em que coloca em questão a centralidade do trabalho, confere relevância às tecnologias, ao conhecimento e a educação. Sugere que as tecnologias e a educação constituem as principais alternativas para a eliminação de disparidades sociais. Sob a influência liberal e sob os auspícios de agências financeiras multilaterais, a educação ganha destaque em programas de governo. Políticas educacionais integram-se à agenda liberal como forças



impulsionadoras do desenvolvimento social. É crescente a influência liberal na UNESCO, organismo internacional que manteve sólidos compromissos com demandas de países periféricos. (26)

Sob o arcabouço de paradigmas técnicos e cognitivos são obscurecidas relações sociais de poder e de produção. O caráter assimétrico das relações sociais é escamoteado pelo pressuposto de que o acesso ao conhecimento torna-se canal de democratização e de superação de disparidades. Modelos sociais sinalizam a precedência do conhecimento sobre o trabalho. A sociedade da informação afirma-se como inversão de valores. A mistificação do conhecimento descolado de sua base material.

As novas tecnologias da informação, assim como o controle privado e o uso intensivo de outros implementos técnicos têm acarretado a aceleração da concentração econômica. Intensificam os fluxos de receitas e aumentam consideravelmente os ativos econômicos. Na esfera educacional, as tecnologias da informação provocam resultados análogos: concentração de benefícios e exclusão social. Esses processos são observados em dimensão planetária e em sistemas educacionais localizados.

A FALÁCIA DA UNIVERSALIZAÇÃO DE DIREITOS EDUCACIONAIS

A valorização do ensino pode estar a serviço da dissimulação de desigualdades sociais. Por si só a educação não elimina desigualdades sociais. A educação, ainda que seja fundamental, não garante a universalidade de direitos sociais. Por mais edificantes que sejam os propósitos educacionais são insuficientes para promover a justiça social. Componente essencial de padrões de sociabilidade mais justos, a educação não é a matriz da justiça social. A iniquidade social também produz valores.

O iluminismo vislumbrou a educação como sendo portadora de valores universais. Nesta acepção, o ensino, o conhecimento e a razão tornar-se-iam êmulos de uma nova sociabilidade. Ao abstrair as bases materiais da organização social o iluminismo superestimou a educação. Conferiu à educação um papel muito além de suas reais possibilidades de transformação social.

Correntes neoiluministas procuram recuperar a crença na razão e na educação. Contudo, ao tangenciarem estruturas políticas e econômicas tem desaguado no campo liberal. Professam uma nova ordem internacional infensa às estruturas de poder existentes e à acumulação de capital. A nova racionalidade comunicativa aposta na pujança das redes de conhecimento instauradas pela telemática.(27)

Esta lógica tem sido apropriada e instrumentalizada pelos apologistas da sociedade do conhecimento em teorias de extração liberal. Esta nova racionalidade comunicativa reveste-se de caráter instrumental e tem sido capitalizada pela ideologia liberal. A educação e o conhecimento convertem-se em fontes de uma nova ordem social que não suprime a velha lógica restritiva da acumulação de capital.

No caso brasileiro, assinalamos a substituição de veleidades desenvolvimentistas pela perspectiva de estabilização econômica adotada pelo Governo Fernando Henrique. Esta guinada é requisito para a inserção passiva na economia de mercado mundial. Tem como consequência a retração da economia brasileira.

O aparelho de Estado foi posto a serviço do financiamento da privatização da esfera pública.(28) Este processo não se consubstanciou no aumento da capacidade produtiva



da economia brasileira. Representou o aumento da participação de corporações transnacionais e a desnacionalização da economia brasileira.(29)

As restrições impostas pelas metas do ajuste fiscal, fundamento da estabilização econômica, contristaram políticas sociais. As políticas de educação pública superior foram drasticamente afetadas pela redução de orçamentos. As restrições financeiras desdobraram-se no estímulo à privatização do ensino, à ampliação do mercado educacional e ao fomento de políticas de auto-subsistência de instituições públicas. A política educacional foi orientada para a definição de áreas de intervenção estratégicas. Setores educacionais mais rentáveis, graças a omissões governamentais ficam reservados para a iniciativa privada. O ensino fundamental, massificado e precário, é contemplado com programas focalizados. Nesta esfera, programas educacionais têm se viabilizado graças ao consórcio de instâncias do Estado com organismos não governamentais, empresas privadas e agências financeiras.

A expansão do ensino a distância do Brasil segue estas tendências. Bifurca-se no ensino sofisticado e privatizado destinado a elites e em programas educacionais aligeirados voltados à capacitação de professores do nível fundamental. Graças a essa clivagem, observa-se a crescente destinação comercial do ensino a distância.

A renúncia à perspectiva desenvolvimentista desdobrou-se em tendência regressiva que conduz a economia brasileira ao aumento da dependência externa, à vulnerabilidade financeira e à estagnação. Ao abdicar da perspectiva de desenvolvimento social o Governo Fernando Henrique favoreceu a implosão do sistema educacional.

O processo de internacionalização dos mercados periféricos não configura deste modo o aumento de investimentos externos produtivos. Nesta condição as economias periféricas absorvem de modo desigual as estratégias de reestruturação produtiva utilizadas em países centrais. Estas estratégias visam a compensar o declínio das taxas de lucro em escala mundial. Em nome da competitividade de empresas a reestruturação produtiva desarticula economias nacionais. Aprofunda o fosso entre setores dinâmicos integrados a economia mundial e empresas com reduzidos acúmulos técnicos e baixa capacidade de investimento financeiro. Na prática a reestruturação produtiva acelera a internacionalização da economia nacional promovendo novos padrões de consumo e elevadas taxas de exclusão social.

A reestruturação da economia pode ser caracterizada pelo elevado grau de financeirização e pelos investimentos improdutivos. O deslocamento de capitais da esfera produtiva para o mercado financeiro e para o setor de serviços impõe uma nova lógica econômica. Nela a indústria de entretenimento, de cultura e de educação terá um papel chave. Será beneficiada pelas novas tecnologias da informação e pelas redes integradas de informática.

As tecnologias da informação, aptas a instaurar padrões de vida mais harmônicos, têm sido empregadas prioritariamente em estratégias bélicas, na comunicação dissuasória, em operações financeiras especulativas. Deste modo serviram à consolidação de um novo regime de acumulação. (30)

O novo regime de acumulação está fundado no aumento da concentração econômica, na financeirização da economia, na formação de cadeias produtivas em escala mundial, na abertura das economias periféricas, na crescente privatização da esfera pública, na fusão de corporações transnacionais, na formação de oligopólios privados, na intensificação



das trocas desiguais, na mudança da estrutura de produção de bens e de serviços, entre outros traços.

A nova ordem mundial sob hegemonia norte americana está assentada em alguns pilares fundamentais: no arsenal bélico norte americano, no poderio econômico das corporações transnacionais, na capacidade de formulação e de implementação política das agências financeiras multilaterais, nos acordos de comércio desigual engendrados pela OMC, na dissuasão midiática e no esvaziamento da ONU, transformada em supervisoras da paz armada.

Neste quadro, as políticas educacionais de países periféricos articulam-se com as diretrizes básicas de expansão da economia e da educação em escala mundial. As restrições financeiras agravam a dependência às agências de formulação multilaterais.

A educação a distância tem sido exaltada como canal de democratização do ensino. Ao longo desta narrativa assinalamos que ensino *on line* realiza objetivos controversos. Pode ampliar o acesso à rede pública, contudo, também se presta a restringi-lo.

Em tese, as mediações econômicas e as potencialidades técnicas aumentam o raio de alcance da educação a distância. Como mediação econômica entendemos a disponibilidade de renda ou de linhas de financiamento da educação. No que tange às potencialidades técnicas, referimo-nos, especialmente, às tecnologias da informação de base eletrônica e às redes integradas de computação. Argumentamos que na vigência da economia de mercado e face à atual exasperação liberal estas potencialidades são acionadas para criar sutis mecanismos de restrição de acesso ao ensino. Ao invés de ampliarem o alcance da educação pública, potencialidades técnicas e econômicas são canalizadas para limitar o acesso ao ensino por intermédio da sua privatização. Ao invés de reduzirem barreiras socioeconômicas servem para sofisticá-las graças aos expedientes empregados para intensificar a comercialização do ensino a distância.

(31)

A universalização do ensino por meio da educação a distância é o alibi empregado para privatizar o acesso e para internacionalizar o mercado educacional dos países periféricos.

A ideologia da privatização educacional se reveste de apelos humanitários. A prioridade invocada para destinar recursos públicos para o ensino fundamental constrange o financiamento do ensino superior. Esta orientação não é humanitária ou filantrópica, obedece lógica da privatização do sistema educacional. Ao retirar o financiamento público do ensino superior constitui um privilegiado domínio para investimentos privados.

A privatização do ensino é lograda graças à:

- 1- cisão e contínua diferenciação do sistema nacional de educação;**
- 2- hierarquização de níveis e de modalidades de ensino;**
- 3- crescente atribuição de valor simbólico ao ensino superior e especializado;**
- 4- formação de reserva de mercado educacional para o setor privado.**

Subordinados à lógica do mercado, o exercício da democracia e o acesso à educação estão sujeitos a mediações financeiras. Implicam na transposição das barreiras socioeconômicas geradas pelo ensino pago.



Neste enquadramento a educação a distância nega suas potencialidades originais. Despoja-se de sua virtualidade crítica e transformadora. Preconizada como fonte de democratização do acesso ao ensino superior, sofre transmutação. Apropriada pela iniciativa privada ao invés de expandir a educação pública tem contribuído para a prática e a legitimação do ensino pago em instituições oficiais.(32) Transformados em instrumento da paulatina privatização de instituições de ensino superior públicas, projetos de ensino a distância renunciam às potencialidades socializadoras e se desdobram em suas antípodas restritivas. Destinado às elites, o ensino privado a distância beneficia-se do elevado valor simbólico proporcionado pela sofisticação tecnológica. Capitaliza o refinamento técnico em prejuízo da educação pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indicadores sociais fornecem a magnitude da exclusão social. Neste quadro delinea-se o abismo tecnológico configurado pela exclusão digital, epifenômeno da exclusão social.

A exclusão digital incorpora-se como categoria central nas análises sobre a difusão das novas tecnologias da informação. Contudo, não é das mais elucidativas. As disparidades sociais não são produzidas por fatores intrínsecos às tecnologias da informação. Decorrem das formas de apropriação e dos móveis que impulsionam sua utilização social. Nesta medida as disparidades que se expressam no plano tecnológico tem raízes em outras esferas da vida social nas quais se definem as formas de apropriação, de controle e de destinação dos meios técnicos.

Na prática, a modernização tecnológica no campo educacional assemelha-se à modernização conservadora no campo social. Reformas com aparência progressista ocultam o caráter restritivo e regressivo das mudanças em curso. A revolução silenciosa é a modernização conservadora realizada sob os impulsos da ideologia da globalização. Seus promotores estão articulados por linhas de força emanadas de agências financeiras multilaterais. A nosso ver a revolução silenciosa transforma regressivamente. Seu silêncio esconde o conteúdo das reformas conservadoras. É a revolução passiva, na acepção de Gramsci. Isto é a revolução sem ruptura de estruturas de poder precedentes. Este processo configura a restauração de mecanismos de poder que servem à consolidação de estruturas políticas e econômicas. Sua meta é consolidar a hegemonia de investidores privados no campo educacional.

A modernização tecnológica e o ensino a distância convertem-se em vetores da privatização do ensino superior e especializado, bem como de internacionalização do mercado educacional brasileiro. Promovida por estratégias de alcance mundial, a educação a distância materializa a dinâmica assimétrica da economia de mercado. As dimensões excludentes são mascaradas pela ideologia do ensino a distância como canal da democratização das oportunidades de acesso ao sistema educacional. Esta ideologia sugere que uma vez superada as barreiras do acesso às tecnologias viabiliza-se a oferta de informações, o conhecimento e a educação por intermédio das redes de computadores integradas mundialmente. A ideologia da



democratização omite as barreiras interpostas pelo ensino pago e pelas novas senhas de acesso ao conhecimento.

Apesar de suas inegáveis possibilidades, o ensino a distância sobre influência liberal, instaura barreiras restritivas e contribui para a internacionalização dos mercados educacionais periféricos.

NOTAS

1- Lévy, Pierre. Lévy, Pierre. *A Inteligência Coletiva - por uma antropologia do ciberespaço*. Edições Loyola, São Paulo, Paulo, 1998

2- Batista, Wagner. *Do desenvolvimentismo à estagnação econômica: a erosão do sistema nacional de educação* in *Educação a distância: ampliar ou superar distâncias ?* Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002

3- Frigotto, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva: um exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista*. São Paulo, Cortez, 1984

4- “...a prioridade era o recrutamento de clientes e a maior parte dos esforços e rendimentos era destinada à promoção, em prejuízo da instrução. De 50% à 80% das taxas escolares eram normalmente investidas em campanhas de marketing direto, publicidade em revistas e jornais e na contratação e formação de vendedores que ganhavam comissão sobre as vendas obtidas. “A força de trabalho de todas as escolas é, de fato, direcionada ao desenvolvimento de seu poder de venda”, apontava, em 1926, em pleno apogeu do movimento de ensino à distância, um estudo financeiro da Carnegie Corporation. “É, sem dúvida, seu departamento mais organizado”. Noble, David. *Ensino à distância, lucros e mediocridade* Diplo, *Le Monde Diplomatique* Ano 1 n. 3 maio 2000

5- Bonemy, Helena. *Seminário sobre perspectivas de la educación en América Latina y el Caribe UNESCO/ OREALC (anexo 2)* in Schwartzman, Simon. *El futuro de la Educación en América Latina y el Caribe*, Santiago, UNESCO, 2001, p. 84

6- “...os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), divulgados antontem, levam a conclusões parecidas. “Estamos botando a nu a realidade educacional brasileira, que é a realidade social do País. Mas a única saída para resolver o problema da exclusão social é continuar a investir em educação e nas políticas da melhoria da qualidade e de estímulo à leitura na escola”, complementou. *Aluno termina ensino médio sem dominar escrita* O Estado de São Paulo, 6 de dezembro de 2001,

URL: <http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2001/12/06/ger018.html>

7- Estima-se que os investimentos em educação correspondam a 9% do PIB brasileiro. Há projeção de que movimentam recursos equivalentes a R \$ 52 bilhões.

8- “Um negócio que deve movimentar US\$ 100 bilhões em dez anos só na comercialização de receptores de televisão, sem contar os investimentos em infra-estrutura, na implantação de novas indústrias e no desenvolvimento de tecnologia. Esta é a dimensão que se dá ao projeto da TV digital aberta no Brasil que vem sendo conduzido pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), com definição prevista para o início do segundo semestre de 2002.” *TV digital vai movimentar US\$ 100 bi* Valor, Tecnologia e Telecomunicações, 19 de março de 2002 URL: <http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/materia.asp?id=1123152>

9- “... loin de refléter des lois naturelles, la « nouvelle économie » traduit la capacité des groupes économiques les plus puissants d'imposer leur domination. L'accord AOL-Time Warner le confirme, qui vise à transformer la Toile en un immense supermarché virtuel, où la chasse aux clients est ouverte, permanente et libre. Cette fusion menace de happer Internet et rogne, un peu plus, le pluralisme de l'information”. Schiller, Daniel. *Internet happé par les spéculateurs*, *Le Monde Diplomatique*, fevereiro de 2000, p. 1, 18 / 19 URL: <http://www.monde-diplomatique.fr/2000/02/SCHILLER/13399.html>.



- 10- “*El Financial Times describe la fiebre especulativa de la TI como "una euforia del milenio", y sigue señalando que, "El Índice Compuesto del NASDAQ, el fanal de la nueva economía, llegó a una cima de 5048,62 el 10 de marzo de 2000. Un año más tarde había bajado cerca de un 60%. El reventón de la burbuja de las .com fue sólo el comienzo del problema. El colapso de... [los valores] tecnológicos, mediáticos y de las telecoms se extendió... a los operadores establecidos". La volatilidad de los sectores especulativos de la economía afecta a todos los sectores de la economía, así como a los fundamentos económicos del imperio. El ascenso y la caída de la economía especulativa influyen claramente las estrategias económicas de la construcción del imperio.*” Petras, James. *El mito de la tercera revolución científico-tecnológica en la era del imperio neo-mercantilista*, 27 de julho de 2001, URL: <http://www.rebellion.org/petras/revcient280701.htm>
- 11- Illitch, Ivan. *Une société sans école*, Paris, Le Seuil, 1971
- 12- Ramonet, Ignácio, *A tirania da comunicação*. Ed Vozes, Petrópolis, 1999
- 13- Bornhausen, Jorge. *O PFL hoje*, Folha de São Paulo, 1º Caderno, 23 de dezembro de 2001, p. A 3
- 14- “*A revolução silenciosa está unindo o nosso Hemisfério em torno de valores comuns - democracia, mercados livres, respeito e cooperação mútuos.*” *Os discursos e a entrevista no Alvorada Íntegra dos discursos e da entrevista concedida aos jornalistas pelos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Bill Clinton, ontem no Palácio da Alvorada*, Estado de São Paulo, 1o Caderno, 15 de outubro de 1997, p. 6
- 15- As críticas de Gramsci ao determinismo econômico surgem mais intensamente através da leitura da obra de Nicolai Bukharin, “*Manual Popular de Sociologia Marxista*” (1922), editado no Brasil como “*Tratado do Materialismo Histórico*”. Estão contidas em “*Cadernos do Cárcere*”, Vol I, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2000
- 16- Na obra de Leandro Konder destacamos as considerações feitas no livro “*A Filosofia da Práxis no século XX*”, Ed Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991
- 17- “*O Brasil tem atualmente 2,7 milhões de universitários, 70% matriculados em universidades particulares, pagando mensalidades de pelo menos R\$ 300, 00, o que representa, por baixo, R \$ 600 milhões milhões mensais ou mais de 7 bilhões / ano. (...) o Santander (....) indica que 14 % da população da população brasileira de 17 a 24 anos está na universidade. Na Argentina, essa porcentagem é de 40%. Nos Estados Unidos e Canadá, 60%. A meta brasileira é chegar a 30% em 2010. Seriam hoje 6 milhões de universitários. Está em marcha uma revolução silenciosa na universidade brasileira, que se privatiza naturalmente.*” *IFC financia universidade no Brasil*, Gazeta Mercantil, 2º Caderno, 16 de outubro de 2001, p. B 2
- 18- *No forno, os primeiros empréstimos para a educação*, Gazeta Mercantil, 2º Caderno, 23 de outubro de 2001, p. B 1
- 19- Banco Mundial. *Higher Education in Developing Countries: Peril and Promise*, Washington, The World Bank and the TaskForce on Higher Education and Society, 2000.
- 20- O caráter salvacionista da educação em políticas sociais no Brasil é focalizado por David Plank. Apesar das profundas divergências quanto a alternativas sugeridas pelo autor, sua leitura é oportuna. Plank, David, *The Means of Our Salvation: Public Education in Brazil, 1930-1995*. Westview Press, EUA, 1996
- 21- “*... graças àquilo que eu tenho chamado sempre de revolução silenciosa, que meu governo está fazendo a educação, estamos aumentando, mas, violentamente, a demanda, primeiro nas escolas primárias, depois diminuindo a evasão nas escolas, depois no sistema secundário, agora no sistema universitário (. . .) Tenho certeza de que um único caminho nos levará a evitar que, no futuro, pessoas de boa-fé, pessoas trabalhadoras, pessoas que têm sua vida dedicada, sejam postas no pelourinho, simplesmente pelas razões já alegadas aqui por mim. Só há um caminho para isso: é mais educação, mais educação, mais educação.. Não vai bastar o crescimento econômico. Não vai bastar a distribuição de renda. Mais educação e educação inspirada pela noção fundamental que é a consciência do que se está fazendo e uma forte motivação moral que não confunda nunca o interesse particular com o interesse público.*” *Leia os discursos feitos ontem pelo presidente Fernando Henrique Cardoso*, Folha de São Paulo, 1º Caderno, 28 de maio de 1999, p. 8
- 22- Toffler, Alvin, *Criando uma nova onda: a Política da terceira onda*, São Paulo, Ed. Record, 1996
- 23- Drucker, Peter, *A sociedade do conhecimento in Uma era de descontinuidade: orientações para uma sociedade em Mudança*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 3ª ed. 1976
- 24- Correa, Marcos S. *A grande revolução silenciosa*, Revista Veja, edição 1452, 10 de julho de 1996, p. 54/55



- 25- Schwartzman, Simon. *A Revolução Silenciosa do Ensino Superior*, artigo apresentado no Seminário Sistema de Ensino Superior Brasileiro em Transformação, São Paulo, NUPES/USP, março de 2000
URL: <http://www.airbrasil.org.br/simon/portuguese.htm>
- 26- Reconhecendo que grande parte dos países ações não terá como atingir metas sociais das Nações Unidas, previstas para 2015, o relatório afirma que as novas tecnologias são essenciais para reduzir a pobreza. Assinalando seu caráter controverso, indica que a OGM são auspiciosas para países em desenvolvimento. Observa que alguns países em desenvolvimento serão produtores de alta tecnologia porquanto outros se mantenham no atraso. A ênfase está na superação de descompassos tecnológicos. Nesta inflexão as causas das desigualdades sociais e das disparidades educacionais são obscurecidas. Relatório da Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, UNESCO 2001, URL: <http://www.unpd.org/hdr2001/french/>
- 27- Rouanet, Sergio P. *Da pólis digital à democracia cosmopolita* Folha de São Paulo, Caderno Mais, 21 de maio de 2000, p. 15
- 28- Oliveira, Francisco. (entrevista) in *Só o medo de Lula pode manter governistas unidos na sucessão de 2002*, Valor, 1º Caderno, 18 de dezembro de 2001, p. A 14.
- 29- *Múltis crescem 146% na década liberal : Capital externo aumentou eficiência do país, mas não expandiu a capacidade produtiva ou exportadora*, Folha de São Paulo, Dinheiro, 10 de fevereiro de 2002, p. B 1
- 30- Amin, Samir. *Capitalismo, imperialismo e mundialização* in Seoanne, José et Taddei, Emilio (org). *Resistências mundiais- De Seattle a Porto Alegre*. Ed Vozes, Petrópolis, 2002
- 31- Batista, Wagner. *Educação a distância e o refinamento da exclusão social*, Anais do VIII Simpósio de de Pesquisa em Comunicação Região Sudeste, Universidade Federal do Espírito Santo, março / 2001
- 32- A UNIREDE é um caso crítico. O consórcio formado por instituições públicas promove a prática do clientelismo e da privatização do ensino a distância através da reserva de vagas e da cobrança de taxas no Curso de Especialização em Educação a Distância, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aluno termina ensino médio sem dominar escrita* O Estado de São Paulo, 6 de dezembro de 2001 URL: <http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2001/12/06/ger018.html>
- AMIN, Samir. (2002) *Capitalismo, imperialismo e mundialização* in Seoanne, José et Taddei, Emilio (org). *Resistências mundiais- De Seattle a Porto Alegre*. Ed Vozes, Petrópolis,
- BANCO MUNDIAL (2000) *Higher Education in Developing Countries: Peril and Promise*, Washington, The World Bank and the TaskForce on Higher Education and Society, 2000
- BATISTA, Wagner.(2002) *Do desenvolvimentismo à estagnação econômica: a erosão do sistema nacional de educação* in *Educação a distância: ampliar ou superar distâncias ?* Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____ (2001) *Educação a distância e o refinamento da exclusão social*, Anais do VIII Simpósio de de Pesquisa em Comunicação Região Sudeste, Universidade Federal do Espírito Santo, março / 2001
- BONEMY, Helena (2001) *Seminário sobre perspectivas de la educación en América Latina y el Caribe UNESCO/ OREALC (anexo 2)* in Schwartzman, Simon. *El futuro de la Educación en América Latina y el Caribe*, Santiago, UNESCO
- BORNHAUSEN, Jorge. *O PFL hoje*, Folha de São Paulo, 1º Caderno, 23 de dezembro de 2001, p. A 3
- CORREA, Marcos S. *A grande revolução silenciosa*, Revista Veja, edição 1452, 10 de julho de 1996, p. 54/55



- DRUCKER, Peter,. (1976) *A sociedade do conhecimento in Uma era de descontinuidade: orientações para uma sociedade em Mudança*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 3^a ed. 1976
- FRIGOTTO, Gaudêncio (1984) *A produtividade da escola improdutiva: um exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista*. São Paulo: Cortez,
- GRAMSCI, Antonio. (2000). *Cadernos do Cárcere*, Vol I, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro
- IFC financia universidade no Brasil*, Gazeta Mercantil, 2^o Caderno, 16 de outubro de 2001, p. B 2
- ILLITCH, Ivan.(1971) *Une société sans école*, Paris, Le Seuil, 1971
- KONDER, Leandro (1991). *Filosofia da Práxis no século XX*, Ed Paz e Terra, Rio de Janeiro
- Leia os discursos feitos ontem pelo presidente Fernando Henrique Cardoso*, Folha de São Paulo, 1^o Caderno, 28 de maio de 1999, p. 8
- LÉVY, Pierre (1998) *A Inteligência Coletiva - por uma antropologia do ciberespaço*. Edições Loyola, São Paulo. Paulo.
- Múltis crescem 146% na década liberal : Capital externo aumentou eficiência do país, mas não expandiu a capacidade produtiva ou exportadora*, Folha de São Paulo, Dinheiro, 10 de fevereiro de 2002, p. B 1
- No forno, os primeiros empréstimos para a educação*, Gazeta Mercantil, 2^o Caderno, 23 de outubro de 2001, p. B 1
- NOBLE, David. (2000) *Ensino à distância, lucros e mediocridade* Diplo, Le Monde Diplomatique Ano 1 n. 3 maio 2000
- OLIVEIRA, Francisco. (entrevista) in *Só o medo de Lula pode manter governistas unidos na sucessão de 2002*, Valor, 1^o Caderno, 18 de dezembro de 2001, p. A 14.
- ONU-Relatório da Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, UNESCO 2001, URL: <http://www.unpd.org/hdr2001/french/>
- Os discursos e a entrevista no Alvorada Íntegra dos discursos e da entrevista concedida aos jornalistas pelos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Bill Clinton, ontem no Palácio da Alvorada*, Estado de São Paulo, 1^o Caderno, 15 de outubro de 1997, p. 6
- PETRAS, James. (2001) *El mito de la tercera revolución científico-tecnológica en la era del imperio neo-mercantilista*, 27 de julho de 2001, URL: <http://www.rebellion.org/petras/revcient280701.htm>
- PLANK, David (1996) *The Means of Our Salvation: Public Education in Brazil, 1930-1995*. Westview Press, EUA
- RAMONET, Ignácio, (1999) *A tirania da comunicação*. Ed Vozes, Petrópolis, 1999
- ROUANET, Sergio P. *Da pólis digital à democracia cosmopolita* Folha de São Paulo, Caderno Mais, 21 de maio de 2000, p. 15
- SCHILLER, Daniel. (2000) *Internet happé par les spéculateurs*, Le Monde Diplomatique, fevereiro de 2000, p. 1, 18 / 19 URL: <http://www.monde-diplomatique.fr/2000/02/SCHILLER/13399.html>
- SCHWARTZMAN, Simon. (2000) *A Revolução Silenciosa do Ensino Superior*, artigo apresentado no Seminário Sistema de Ensino Superior Brasileiro em Transformação, São Paulo, NUPES/USP, março de 2000 URL: <http://www.airbrasil.org.br/simon/portuguese.htm>
- TOFFLER, Alvin. (1996) *Criando uma nova onda: a Política da terceira onda*, São Paulo, Ed. Record



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002